



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO
GROSSO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA CURSO DE
LICENCIATURA EM LETRAS**

LUÍZA VITÓRIA DE ARAÚJO GOMES

**O NÃO-LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCALISTA DO
SÉCULO XIX: UMA LEITURA DOS ROMANCES *MADAME BOVARY* E O
PRIMO BASÍLIO.**

Barra do Garças-MT
2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO
GROSSO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA CURSO DE
LICENCIATURA EM LETRAS**

LUÍZA VITÓRIA DE ARAÚJO GOMES

**O NÃO-LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCALISTA DO
SÉCULO XIX: UMA LEITURA DOS ROMANCES *MADAME BOVARY* E O
PRIMO BASÍLIO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Trabalho de Curso, do curso de licenciatura em Letras, da Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais do Campus Universitário do Araguaia, como exigência institucional para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tereza Ramos de Carvalho.

Barra do Garças-MT
2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO
GROSSO INSTITUTO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS CAMPUS
UNIVERSITÁRIO DO ARAGUAIA CURSO DE
LICENCIATURA EM LETRAS**

**O NÃO-LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCALISTA DO
SÉCULO XIX: UMA LEITURA DOS ROMANCES *MADAME BOVARY E O
PRIMO BASÍLIO*.**

LUÍZA VITÓRIA DE ARAÚJO GOMES

BANCA AVALIADORA

Prof.^a Dr.^a Tereza Ramos de Carvalho – Presidente

Universidade Federal de Mato Grosso

Prof. Dr. Junior César Ferreira de Castro – Membro interno

Universidade Federal de Mato Grosso

Prof.^a Mestranda Valéria Oliveira Vasconcelos – Membro

Externo Escola Coopema – Barra do Garças-MT

Barra do Garças-MT, 12 de Abril de 2024

O NÃO-LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE PATRIARCALISTA DO SÉCULO XIX – UMA LEITURA DOS ROMANCES MADAME BOVARY E O PRIMO BASÍLIO

THE NON-PLACE OF WOMEN IN 19TH CENTURY PATRIARCHAL SOCIETY - A READING OF THE NOVELS MADAME BOVARY AND O PRIMO BASÍLIO

Luiza Vitória de Araújo Gomes¹
Tereza Ramos de Carvalho²

Resumo: Neste artigo, o objetivo é analisar na perspectiva comparada, o não-lugar da mulher na sociedade Patriarcalista do século XIX. A análise parte das personagens femininas Emma e Luísa, das obras *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert e *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, das quais destacamos o comportamento e os desdobramentos das protagonistas no decorrer desses romances que marcaram época nas literaturas francesa e portuguesa. Nessa perspectiva, a análise é realizada a partir do olhar do narrador e seu domínio sobre os objetos narrados. Dessa maneira, espera-se discutir sobre a conscientização da verdadeira emancipação do corpo feminino diante da sociedade opressora que no decorrer da história tem relegado à mulher um papel secundário, estereotipando-a como gênero frágil e submisso que deve estar sempre à sombra da figura masculina. Quanto à metodologia, essa pesquisa apresenta uma análise crítica de cunho bibliográfico, amparada em estudos empreendidos por Alambert (2004); Benjamin (1987); Brait (1985); Beauvoir (1970); Carvalhal (2006); Dantas (2021); Durão (2020); Gomes (2013), dentre outros. De modo, que delimite o papel da mulher na sociedade patriarcal no século XIX e sua insaciável busca para a libertação.

Palavras-chave: O não-lugar da Mulher. Sociedade Patriarcalista. Emancipação do corpo feminino. Olhar do narrador.

Abstract: The aim of this article is to analyze the non-place of women in 19th century patriarchal society from a comparative perspective. The analysis is based on the female characters Emma and Luísa, from the works *Madame Bovary*, by Gustave Flaubert and *O Primo Basílio*, by Eça de Queiroz, from which we highlight the behavior and developments of the protagonists in the course of these novels that marked an era in French and Portuguese literature. From this perspective, the analysis is based on the narrator's gaze and his mastery of the objects narrated. In this way, it is hoped to discuss the awareness of the true emancipation of the female body in the face of an oppressive society that throughout history has relegated women to a secondary role, stereotyping them as a fragile and submissive gender that must always be in the shadow of the male figure. As for the methodology, this research presents a critical analysis of a bibliographic nature, supported by studies undertaken by Alambert (2004); Benjamin (1987); Brait (1985); Beauvoir (1970); Candido (1970); Carvalhal (2006); Dantas (2021); Durão (2020); Gomes (2013), among others. In order to delineate the role of women in patriarchal society in the 19th century and their insatiable quest for liberation.

Keywords: Women's non-place. Patriarchal society. Emancipation of the female body. The narrator's gaze.

¹ Graduanda do curso de Letras, Universidade Federal de Mato Grosso, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Campus Universitário do Araguaia.

² Dr^a em Literatura pela UnB, Professora do Curso de Letras do curso da Universidade Federal de Mato Grosso, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Campus Universitário do Araguaia.

Considerações Iniciais

Simone de Beauvoir, na introdução de seu livro *O Segundo sexo*, publicado em 1970, afirma que o homem pode “persuadir-se de que não existe hierarquia social entre os sexos e de que, grosso modo, através das diferenças, a mulher é igual” (Beauvoir, 1970, p. 20). O excerto elucidado que essa é uma igualdade abstrata que nega a desigualdade concreta, pois ao entrarem em conflito, o homem pois, segundo a autora, “tematiza sua desigualdade concreta e dela sua autoridade para negar a igualdade abstrata”. A observação de Beauvoir, nos remete ao *status quo* do patriarcalismo, ou seja, a uma estrutura social de poder que estabelece a disparidade entre homens e mulheres, e que envolve a opressão e dominação social. Essa estrutura é construída social e historicamente e requer o entendimento de igualdade entre as pessoas para que se possa diminuir e apagar seus efeitos nocivos.

De acordo com o site educativo Brasil Paralelo a palavra patriarcalismo é de origem grega e possui como significados “regra do pai” ou “chefe de uma raça”. Destarte, o patriarcalismo pode ser definido como um sistema em que há supremacia do homem nas relações sociais, seja em âmbito familiar, político ou econômico. Historicamente, compreende-se que o sistema patriarcal estava interligado com a autocracia¹, visto que o governo autocrático possui o homem como chefe de família. Assim, ao longo da evolução humana, a estrutura da família era influenciada pelos costumes da igreja e pelas leis que desfavoreciam o gênero feminino, e o homem tinha o poder absoluto sobre a mulher, que ao nascer era dominada pelo pai e educada para ser submissa ao marido, que seria dono do seu corpo e desejos. Nessa época, a mulher era destinada a ser mãe, boa esposa, e instruída a ser inferior ao sexo oposto. Assim, era impedida de tomar suas próprias decisões e muitas vezes silenciadas, enquanto ao homem cabia o papel de ser provedor do seu ambiente familiar. Dessa forma, torna-se evidente que na sociedade patriarcal do século XIX, fortaleceu-se a cultura da supremacia masculina sobre o corpo feminino, reforçando a visão dominante do homem em relação à mulher, onde a virtude e os bons modos as impediam de demonstrar suas opiniões pessoais e desejos sexuais.

Neste artigo, o objetivo é analisar, comparadamente, o não-lugar da mulher na sociedade Patriarcalista do século XIX, representada pelas personagens Emma e Luísa das obras “*Madame Bovary*”, de Gustave Flaubert e “*O Primo Basílio*”, de Eça de Queiroz, destacando assim, o comportamento e os desdobramentos das protagonistas no decorrer dos romances realistas que marcaram época nas literaturas francesa e portuguesa. Nesse sentido, será analisada a perspectiva de como os narradores das obras do século XIX apresentam um olhar

¹ Poder ilimitado e absoluto.

extremamente opressor às mulheres que rompem as estruturas sociais de dominação e poder social: a família, o estado e a igreja.

Considerado precursor do Realismo², Flaubert, em *Madame Bovary*, apresenta a história de Emma, uma jovem sonhadora, que ao buscar sua independência como mulher, se torna mais uma vítima da sociedade patriarcal do século XIX. Após casar-se com o recém-viúvo Charles Bovary, a moça percebe que sua vida enfadante não era o que ela queria, e tenta buscar no amor o desejo de sua própria libertação.

Na obra *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, a narrativa gira em torno do casal Jorge e Luísa, que pertenciam à sociedade burguesa de Portugal no século XIX. Como Emma, Luísa também se perdeu ao perceber que vivia uma vida monótona ao lado do marido Jorge, que a deixava muito só, em virtude das suas viagens de negócios. A protagonista, em um dos seus momentos solitários, se envolve com o Primo Basílio que a seduz e depois a abandona. Diante do desprezo de Basílio, Luísa percebe que Jorge pode fazê-la feliz, porém é chantageada por Juliana, que tem posse de cartas trocadas entre a patroa e o primo. O romance destaca as características da sociedade portuguesa da época e a defesa da moral e os bons costumes.

Nessa leitura, são discutidas a seguinte problemática: considerando o contexto patriarcalista em que essas personagens estão inseridas, haveria outro destino a elas no século XIX? Que rumo teriam se se separassem de seus maridos, a prostituição, talvez? Como o narrador as constrói? A morte era a libertação? Em que medida esse destino não é considerado um crime contra a mulher que desejava ser dona do seu corpo de seus desejos?

Desse modo, esta pesquisa apresenta uma análise crítica de cunho bibliográfico, amparada no aporte teórico de estudos empreendidos por: Alambert (2004); Barreto (2004); Benjamin (1987); Brait (1985); Beauvoir (1970); Candido (1970); Carvalho (2006); Dantas (2021); Durão (2020); Gomes (2013); Jacome; Junior; Melo; Diane (2021); Moisés (1975); Saffioti (2004). Para constituição do *corpus* da pesquisa buscaremos referências em Flaubert (1981) e Queiroz (2002). De modo, que delimite o papel da mulher na sociedade patriarcal no século XIX e sua insaciável busca pela libertação.

² Teoria estética do fim do séc. XIX, contrária ao romantismo, segundo a qual a realidade deve ser representada de maneira objetiva e não idealizada, mostrando-se a vida cotidiana e seus personagens como eles são de fato.

A sociedade patriarcalista - contexto

O patriarcado é um sistema social que tem raízes profundas na história humana, pois está culturalmente ligado ao conceito de formação familiar instituído pelo homem. Esse sistema desenvolveu-se ao longo de milênios e ainda permanece vivo na atualidade, pois muitos países ainda cultuam esse modelo de sociedade, no qual o homem tem pleno poder sobre a mulher. É um sistema caracterizado pela predominância e pela centralização do poder nas mãos dos homens em diversas esferas da sociedade, incluindo a política, a religiosa, a social e familiar, desse modo o patriarcado resiste e persiste em meio às sociedades, como estabelece Alambert,(2004):

O poder do patriarcado determinou nossas ideias básicas sobre a natureza humana e nossas relações com o universo. E jamais ninguém desafiou esse sistema, pois suas doutrinas eram tão universalmente aceitas que pareciam construir leis da natureza. Mas, hoje, seu processo de esgotamento revela que ele não é inevitável e nem a-histórico. Ao contrário surgiu em certo momento do desenvolvimento da sociedade e poderá desaparecer quando outro sistema substituir-lhe. Hoje ele ainda é forte. Mas perde posições à medida que as mulheres emergem no mundo como o fenômeno mais importante de nossa época. (Alambert, 2004, p. 61).

Ao refazer o percurso histórico do patriarcado notamos que este afeta o desenvolvimento da sociedade como um todo, pois durante as sociedades caçadoras-coletoras, muitas comunidades eram mais igualitárias em termos de gênero, não havia esse sentido de dominação de gênero, conforme afirma Alambert (2004):

Vivendo em meio hostil, os seres humanos tinham que se manter agregados, solidários entre si, para sobreviver e se defender dos animais ferozes e das intempéries. Logo, não havia superioridade cultural entre homens e mulheres. Ninguém dispunha de propriedade. A família não existia, e, portanto, a desigualdade era desconhecida. (Alambert, 2004, p. 27)

Dessa maneira, com divisões do trabalho baseadas em habilidades, com o advento da agricultura e o estabelecimento de uma organização social, houve uma transição para estruturas mais hierárquicas, e a propriedade privada começou a desempenhar um papel importante. Nas civilizações antigas, como a Mesopotâmia, Egito, Grécia e Roma, o patriarcado foi firmemente estabelecido. As leis e normas sociais eram frequentemente discriminatórias em relação às mulheres, limitando seus direitos e papel na sociedade e as colocando em segundo plano:

Com a invenção do arado, que substituiu a enxada primitiva da mulher vai se abrindo caminho para o início do Patriarcado. Isto é, o trabalho do homem torna-se mais valorizado e o da mulher passa a um plano inferior. Assim o lugar principal nos clãs transfere-se para os homens que passam a dominar tudo, inclusive as mulheres. (Alambert, 2004, p. 28).

Na Idade Média³, o patriarcado estava intrinsecamente ligado às estruturas feudais e à influência da Igreja. As mulheres eram frequentemente subordinadas aos homens e seu papel estava, muitas vezes, confinado ao espaço doméstico.

Com o Renascimento⁴ e o surgimento da Era Moderna, houve avanços em várias áreas, mas muitos desses progressos não se estenderam igualmente às mulheres. Assim, a visão patriarcal persistiu, influenciando áreas como educação e acesso ao trabalho remunerado. Já o Iluminismo trouxe consigo ideias de igualdade e direitos naturais para todos os seres humanos. Filósofos como John Locke, Voltaire e Jean-Jacques Rousseau discutiram princípios de igualdade que, embora inicialmente fossem aplicados principalmente aos homens brancos, ajudaram a estabelecer uma base intelectual para o movimento feminista posterior.

A Revolução Francesa, iniciada em 1789, foi um evento crucial que trouxe à tona questões de igualdade e direitos civis. Mulheres desempenharam papéis ativos durante a revolução, participando de protestos e exigindo igualdade de direitos. Embora as conquistas femininas, durante esse processo, tenham sido limitadas, o movimento ajudou a estimular discussões sobre a condição da mulher na sociedade, como no movimento sufragista, que emergiu na segunda metade do século XIX, promovendo a luta pelo direito das mulheres ao voto e por igualdade de direitos civis. Estes foram os marcos mais importantes desse século em relação às conquistas feministas.

Todavia, a partir desse período, o patriarcado começa a ser desafiado de maneira mais sistemática, pois os movimentos feministas começam a emergir na luta por direitos e os resultados avançam. É nesse período que surge o Realismo e o campo da arte e da literatura passam a ser produzidos com um viés mais realista e uma forte crítica à sociedade burguesa da época. Mesmo com essas pequenas mudanças, o poder dado ao gênero masculino, por meio de uma sociedade patriarcal e a prática do machismo permaneceu ditando o (não)-lugar da mulher na sociedade. Inseridas nesse contexto estão as obras *Madame Bovary*, do francês Gustave Flaubert e *O Primo Basílio*, do português Eça de Queirós das quais destacamos as personagens femininas Emma e Luísa.

Assim, ao analisar o comportamento das personagens Emma e Luísa, percebemos que

³ Le Goff conceitua a Idade Média como um período de aproximadamente mil anos da história ocidental que se inicia no século V, com a queda do império Romano do Ocidente em 476, e termina no século XV, com a tomada de Constantinopla pelo Império Otomano, em 1453. Nos séculos seguintes, a Idade Média foi alvo de uma série de interpretações pelas sociedades que a sucederam, recebendo algumas denominações pejorativas, como a de “Idade das Trevas”.

⁴ Renascimento- movimento artístico, científico e filosófico, iniciado na Itália, que pregava o retorno aos ideais da Antiguidade greco-latina, esp. a valorização do ser humano

suas atitudes transgressoras são reações à essa opressão que as sufocava. Desse modo, essas personagens representam a exploração da mulher na sociedade patriarcal em que seus corpos -foram apropriados “[...] pelo homem, transformando-se no instrumento mais marcante da sua opressão e dominação, por isso resgatá-lo consiste em abrir a porta mais importante para o acesso a sua libertação” (Alambert, 2004, p. 98). Nesse sentido, a autora afirma que a liberdade feminina sempre esteve atrelada ao domínio do seu próprio corpo, das suas vontades e desejos. Nas obras *Madame Bovary* e *O primo Basílio*, essas mulheres são expostas à violência psicológica que as levam a romper com o sistema estrutural de família perfeita imposto pela sociedade.

Em vista disso, pode-se afirmar que os romances escolhidos para constituição do *corpus* desta pesquisa, são retratos desse sistema que atribuiu à mulher apenas um papel secundário na sociedade. Ou seja, a mulher deve se contentar em ficar em segundo plano, como ser insignificante e submisso ao seu “proprietário”, no caso das obras, às personagens masculinas Charles e Jorge. No entanto, Emma e Luísa são transgressoras, são protagonistas que ousaram ser donas de si e, em virtude desse comportamento, foram severamente punidas, o que nos leva a crer que a luta da mulher pela liberdade pode, muitas vezes, ter sido interrompida por julgamentos familiares, sociais, políticos e religiosos. Esse estudo aponta que, nos desdobramentos de ambos os textos, os narradores atribuem às personagens um desfecho cruel, não lhes dando outra saída, senão a morte.

***Madame Bovary* e *O Primo Basílio* no contexto realista**

A escola realista e naturalista tem origem na Europa do século XIX, que reconhece o desenvolvimento científico e das doutrinas filosóficas e sociais, como ponto de referência. Nas obras dos escritores realistas e naturalistas, o egocentrismo, o subjetivismo e o sentimentalismoromânticos cedem lugar a temas voltados à realidade de seu tempo e a uma visão mais objetivada realidade que traz a cena pessoas comuns, com problemas e limitações. Assim, valendo-se de temas inovadores, os escritores revelaram, com espírito crítico, participativo e reformista, o cotidiano massacrante, o amor adúltero, a falsidade e o egoísmo humano, a decadência das instituições, a impotência do homem diante do poder e as lutas sociais, (Moisés, 1975). Essa literatura tem como principais características apresentar, no plano formal, uma descrição objetiva da realidade e, no plano do conteúdo, o amor e outros sentimentos subordinados a interesses sociais, e protagonistas problemáticos em crise de valores. Gustave Flaubert foi um vanguardista do movimento realista que se iniciou na França

com a publicação da obra *Madame Bovary* em 1857. Esse movimento alcançou vários países, inclusive no Brasil, representado principalmente pelas obras do escritor Machado de Assis.

No romance *Madame Bovary*, Flaubert apresenta a personagem Emma, uma jovem com muitos hobbies, bem educada, que viveu parte da juventude no internato, aprendeu a bordar, tocar instrumentos musicais e foi preparada para ser uma boa esposa e mãe. A jovem cresceu em meio a burguesia com grandes aspirações, e ideais de que um dia poderia se livrar da vida interiorana e realizar o sonho de uma vida feliz em uma cidade grande. Assim, ao conhecer o personagem masculino, o médico “mediocre” – (característica atribuída pelo narrador), Sr. Charles Bovary, Emma passa a ter esperança na vida que ela sempre sonhara, e então aceita se casar com ele acreditando ter encontrado a felicidade. Desse modo, aos olhos do narrador, Charles Bovary é um bom homem, trabalhador e esposo fiel. Ao descrever Emma, é necessário mencionar como a sociedade do século XIX era opressora e violenta com as mulheres. A admiração de Charles por Emma surgiu quando ele ainda casado com sua primeira esposa, conforme o fragmento a seguir:

Cansado, Charles deixou de ir a Bertaux. Héloïse fizera-lhe jurar que não voltaria mais lá, com a mão sobre o livro de rezas, depois de muitos soluços e beijos, em uma grande explosão de amor. Então ele obedeceu; mas a ousadia de seu desejo protestou contra a submissão de sua conduta, e, por uma espécie de hipocrisia ingênua, estimou que essa proibição de vê-la fosse como que o direito de amá-la. (Flaubert, 2011, p. 22).

Assim, de acordo com o fragmento, é possível creditar que a sociedade somente condena as mulheres que tendem a realizar suas vontades e serem donas de si, mas quanto aos homens tendem a suavizar suas atitudes e perdoar.

A realidade de Emma sobressai de seus desejos e sonhos, quando que para representar o papel maternal na obra, a protagonista concebe a filha Berthe, assim cedendo a mais uma obrigação imposta pela sociedade machista e de seu marido. No fragmento a seguir, observamos que a personagem não tivera vocação nem vontade para desenvolver o papel de mãe que lhe fora imposto:

Mas a pequena Berthe estava ali, entre a janela e a mesa de costura, cambaleando com seus sapatinhos de tricô e tentando aproximar-se de sua mãe para pegar as pontas das fitas de seu avental. – Deixe-me! – exclamou, afastando-a com a mão. A menininha logo voltou, aproximando-se ainda mais de seu colo e, apoiando-se com os braços, levantava em sua direção seus grandes olhos azuis, enquanto um fio de saliva pura escorria de sua boca até a sésa do avental. – Deixe-me! – repetiu a mãe bastante irritada. Sua expressão assustou a criança, que se pôs a gritar. – Ei! Deixe-me em paz! – disse ela, empurrando-a com o cotovelo. Berthe caiu ao pé da cômoda, contra a patera de cobre; ela cortou a face, saiu sangue. (Flaubert, 2011, p. 103).

Conforme o fragmento acima, pode-se perceber que a sociedade no século XIX

acreditava que mulheres eram educadas para serem mães e que não importavam outros sonhos e desejos, deveria sempre prevalecer o papel maternal, mesmo que não tenha sido cultivado e esperado. Dessa forma, aos poucos, oprime e sufoca todas as expectativas que um dia Emma tivera de ser livre.

Ao finalizar a leitura da obra, é possível compreender que, aos olhos daquela sociedade, Emma era apenas mais uma mulher a ser objetificada⁵, que nunca seria amada verdadeiramente por Charles Bovary, mas para ser usada como exemplo de felicidade e honestidade ao lado do seu marido.

Sob a ótica do narrador, Emma é uma mulher cheia de sonhos e busca viver um amor real e extraordinário. No entanto, sua vida toma um rumo diferente após se casar com Charles. Assim, é a partir do matrimônio que se observa a desconstrução da personagem que se encontra aprisionada na monotonia e sem a complacência do marido que parecia desprovido de ambições a não ser continuar apenas no exercício da profissão de médico. Além do casamento infeliz, a condição de que a personagem se torne mãe, causa ainda mais repúdio e tédio à personagem feminina, já que a realidade do amor, que ela imaginava de acordo com as histórias românticas que lia, se revelou totalmente distinta. Nesse sentido, o narrador expõe a desilusão e a solidão que madame Bovary vivera ao se deparar com a vida simplória que passou a viver após o matrimônio:

Depois, pouco a pouco, suas ideias iam se fixando, e, sentada no gramado, que revirava com sua sombrinha, Emma repetia: – Por que fui me casar, meu Deus? Ela se perguntava se não haveria um meio, por outras combinações do acaso, de encontrar outro homem, e tentava imaginar quais seriam aqueles eventos que não aconteceram, aquele caminho diferente, aquele marido que ela não conhecia. Afinal, não eram todos como aquele. Poderia ter sido belo, espirituoso, distinto, atraente, como eram, sem dúvida, os que haviam casado com suas antigas colegas do convento. O que elas estariam fazendo agora? Nacidade, com o barulho das ruas, o burburinho dos teatros, as luzes do baile, elas tinham existências que dilatam o coração, desabrocham os sentidos. Mas sua vida era fria como um celeiro cuja lucarna é voltada para o norte, e o tédio, aranha silenciosa, tecia sua tela na sombra, em todos os cantos de seu coração. Lembrava-se então dos dias de distribuição de prêmios, em que subia no estrado para ir buscar suas corozinhas. [...], Mas, com ela, nada acontecia, Deus quisera assim! O futuro era um corredor todo escuro, que possuía a portabem fechada lá no fundo. Abandonou a música. Para que tocar? Quem a ouviria? Já que jamais poderia, de vestido de veludo de mangas curtas, sobre um piano Érard, em um concerto, tocar com seus dedos ágeis as teclas de marfim, nem sentir circular em torno de si, como uma brisa, um murmúrio de êxtase, não valia a pena aborrecer-se estudando. Deixou no armário seus papéis de desenho e a tapeçaria. Para quê? Para quê? Costurar a irritava. “Já litudo”, pensava (Flaubert, 2011, p. 43-58).

Dessa forma, sentindo-se infeliz no casamento, Emma, na busca por liberdade e felicidade, se aventura por fantasias românticas extraconjugais. Suas atitudes e pensamentos

⁵ Se tornar objeto no sentido conotativo.

desafiam os valores predominantes da época. A personagem descortina as verdades da sociedade burguesa, visto que seus traços de personalidade fogem aos traços de mulher idealizada naquela sociedade em que estava inserida. É importante ressaltar que, mesmo rompendo com todos os aspectos do patriarcalismo, Emma foi criada por um narrador extremamente machista e opressor e que não permite que a mulher transgressora tenha um final digno, mas doloroso e cruel: Como descreve o narrador:

O quarto, quando entraram, estava repleto de uma solenidade lúgubre. Havia sobre a mesa de costura, coberta por uma toalha branca, cinco ou seis bolinhas de algodão em uma bandeja de prata, perto de um grande crucifixo, entre dois castiçais que ardiavam. Emma, com o queixo sobre o peito, abria desmedidamente as pálpebras, e suas pobres mãos arrastavam-se sobre os lençóis, com aquele gesto medonho e suave dos agonizantes que já parecem querer recobrir-se com o sudário. Estava pálida como uma estátua, tinha os olhos vermelhos como brasas. Charles, sem chorar, mantinha-se em frente a ela, ao pé da cama, ao passo que o padre, apoiado sobre um joelho, resmungava algumas palavras em voz baixa. [...] Uma convulsão abateu-a sobre o colchão. Todos se aproximaram. Ela não mais existia. Depois da morte de alguém, sempre há uma espécie de estupefação que se libera por ser tão difícil de compreender essa chegada súbita do nada e de resignar-se a acreditar nela. Mas, quando percebeu a sua imobilidade, Charles jogou-se sobre Emma, gritando: – Adeus! Adeus! (Flaubert, 2011, os. 280 - 284).

Fica evidente que a estrutura da sociedade possuía o poder de julgar e castigar mulheres que queriam ser donas de suas vontades. A morte de Emma é a exemplificação dessa punição severa e dolorosa imposta pelo sistema opressor do patriarcado.

Como Gustave Flaubert, o escritor Eça de Queirós, em Portugal também põe em discussão o comportamento social ideal e real da sociedade portuguesa durante o Realismo do século XIX. No romance *O Primo Basílio*, o autor apresenta a personagem Luísa como ponte para criticar a sociedade portuguesa. No contexto social dessa época, a distinção de gênero é bem acentuada, visto que é atravessada pela opressão e violência contra o corpo feminino. Assim, como Emma Bovary, a personagem de Eça de Queiroz, a protagonista Luísa de cabelos louros e delicada, também foi criada para ser a mulher ideal, educada para ser exímia dona de casa que se dedicasse ao bordado, ao piano e aos afazeres da casa. A personagem criada por Eça de Queirós, tinha fascínio e entusiasmo por literatura, principalmente por romances em que a fazia sonhar com um amor real e verdadeiro, conforme fragmentos:

Como Gustave Flaubert, o escritor Eça de Queirós, em Portugal também põe em discussão o comportamento social ideal e real da sociedade portuguesa durante o Realismo do século XIX. No romance *O Primo Basílio*, o autor apresenta a personagem Luísa como ponte para criticar a sociedade portuguesa. No contexto social dessa época, a distinção de gênero é bem acentuada, visto que é atravessada pela opressão e violência contra o corpo feminino. Assim, como Emma Bovary, a personagem de Eça de Queiroz, a protagonista Luísa de cabelos

louros e delicada, também fora criada para ser a mulher ideal, educada para ser exímia dona de casa que se dedicasse ao bordado, ao piano e aos afazeres da casa. A personagem criada por Eça de Queirós, tinha fascínio e entusiasmo por literatura, principalmente por romances em que a fazia sonhar com um amor real e verdadeiro, conforme fragmentos:

Mas Luísa, a Luisinha, saiu muito boa dona de casa: tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho: e aquele serzinho louro e meigo veio dar à sua casa um encanto sério. [...] Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na voltaire, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada. Era a Dama das camélias. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os brasões do clã, mobilados com arcas góticas e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heróicas, que o vento do lago agita e faz viver; e amara Ervandalo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, tendo sobre o gorro a pena de águia, presas ao lado pelo cardo de Escócia de esmeraldas e diamantes. Mas agora era o moderno que a cativava: Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltara-se por Mr. de Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier; o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada; via-a alta e magra, com o seu longo xale de caxemira, os olhos negros cheios de avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro — Júlia Duprat, Armando, Prudência, achava o sabor poético de uma vida intensamente amorosa; e todo aquele destino se agitava, como numa música triste, com ceias, noites delirantes, aflições de dinheiro, e dias de melancolia no fundo de um cupê quando nas avenidas do Bois, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente caem as primeiras neves. (Queiroz, 2002, p. 05 – 08-09).

Assim, a personagem é construída pelo narrador como uma boa mulher que seguia todos as regras impostas pela sociedade e igreja, ou seja, deveria ser submissa e passiva ao marido, sem impor seus desejos. No entanto, por mais que Luísa tentasse se encaixar naquela sociedade burguesa e Patriarcalista, ela não consegue e assim, a leitura da literatura, leva-a a comportar-se como numa romântica incurável.

Assim, a personagem é construída pelo narrador como uma boa mulher que seguia todos as regras impostas pela sociedade e igreja, ou seja, deveria ser submissa e passiva ao marido, sem impor seus desejos. No entanto, por mais que Luísa tentasse se encaixar naquela sociedade burguesa e Patriarcalista, ela não consegue e assim, a leitura da literatura, leva-a a comportar-se como numa romântica incurável.

A protagonista, ao olhar do narrador, é a representação da mulher burguesa que tem como papel ser a esposa que cuida do lar e por outro lado é a mulher socialmente condenada, por querer ser dona de suas vontades. A partir da chegada do seu primo Basílio, um amor de juventude, Luísa se desvincula da imagem de mulher recatada e do lar, e por um breve

momento, começa ser dona dos seus interesses:

— Ah! — fez Luísa de repente, toda admirada para o jornal, sorrindo.

— Que é?

— É o primo Basílio que chega! — E leu alto, logo:

— Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordéus, o Sr. Basílio de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. Sua Excelência que, como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado. A sua volta à capital é um verdadeiro júbilo para os amigos de Sua Excelência que são numerosos." [...] Lembrou-lhe de repente a notícia do jornal, a chegada do primo Basílio... Um sorriso vagaroso dilatou-lhe os beicinhos vermelhos e cheios.

— Fora o seu primeiro namoro, o primo Basílio! Tinha ela então dezoito anos! Ninguém o sabia, nem Jorge, nem Sebastião... De resto fora uma criança; ela mesma, às vezes, ria, recordando as pieguices ternas de então, certas lágrimas exageradas! Devia estar mudado o primo Basílio. Lembrava-se bem dele — alto, delgado, um ar fidalgo, o pequenino bigode preto levantado, o olhar atrevido, e um jeito de meter as mãos nos bolsos das calças fazendo tilintar o dinheiro e as chaves! Aquilo começara em Sintra, por grandes partidas de bilhar muito alegres, na quinta do tio João de Brito, em Colares. Basílio tinha chegado então da Inglaterra: vinha muito bife, usava gravatas escarlates passadas num anel de ouro, fatos de flanela branca, espantava Sintra! Era na sala de baixo pintada a oca, que tinha um ar antigo e morgado; uma grande porta envidraçada abria para o jardim, sobre três degraus de pedra. Em roda do repuxo havia romãzeiras, onde ele apanhava flores escarlates. A folhagem verde escura e polida dos arbustos de camélias fazia ruazinhas sombrias; pedaços de sol faiscavam, tremiam na água do tanque; duas rolas, numa gaiola de vime, arrulhavam docemente; — e, no silêncio aldeão da quinta, o ruído seco das bolas de bilhar tinha um tom aristocrático. [...] Tinham muita liberdade, ela e o primo Basílio. A mamã, coitadinha, toda cismática, com reumatismo, egoísta, deixava-os, sorria, dormitava; Basílio era rico, então; chamava-lhe tia Jojó, trazia-lhe cartuchos de doce... (Queiroz, 2002, p. 06 – 09-10).

Desse modo, aos olhos do narrador a personagem se empolga sobremaneira com a notícia da volta de seu primo a Lisboa. Na sequência, com a viagem do esposo Jorge a trabalho e a chegada do *bon-vivant* Basílio, Luísa vê a oportunidade de realizar seus desejos ao reviver uma história de amor com seu primo. Então, assim como Emma, passa a ser uma mulher transgressora, aos olhos do narrador e da sociedade.

Luísa, assim como Emma, também fora educada para respeitar, obedecer e ser submissa ao sexo masculino que era representado primeiramente por seu marido. Mas esse papel de mulher perfeita foi retratado até certo ponto nessa leitura, pois a personagem era admirada por Jorge, seu marido, mas no desenrolar do enredo a sufoca com suas atitudes machistas de chefe de casa. Nesse sentido, por mais que Jorge nutrisse uma certa admiração por Luísa, não acatava suas decisões e escolhas, como a amizade dela com Leopoldina, uma senhora que sempre esteve à frente do seu tempo e que de certa forma influenciava a protagonista a querer ser dona de sua própria vida, conforme fragmento a seguir:

Jorge não respondeu. Assobiou mais alto, foi à outra janela, bateu com os dedos nas folhas elásticas de uma macoma de tons verdes e sanguíneos, e, alargando impacientemente o colarinho como um homem sufocado:

— Ouve lá, é necessário que deixes por uma vez de receber essa criatura. É necessário acabar por uma vez! Luísa fez-se escarlate.
 — É por causa de ti! É por causa dos vizinhos! É por causa da decência!
 — Mas foi a Juliana... — balbuciou Luísa.
 — Mandasse-a sair outra vez. Que estavas fora! Que estavas na China! Que estavas doente! Parou, com um tom desconsolado, abrindo os braços:
 — Minha rica filha, é que todo o mundo a conhece. É a Quebrais! É a Pão e Queijo! É uma vergonha!
 Citava-lhe os seus amantes, exasperado: o Carlos Viegas, o magro, de bigodecaído, que escrevia comédias para o Ginásio! O Santos Madeira, o picado dasbexigas, com uma gaforinha! O Melchior Vadio, um gingão desossado, com um olhar de carneiro morto, sempre a fumar numa enorme boquilha! O Pedro Câmara, o bonito! O Mendonça dos calos! Tutti quanti! (Queiroz, 2002, p.17)

Destarte, até as amigas de Luísa, quem escolhia era o marido, o que demonstra escancaradamente que a personagem sempre esteve à mercê das escolhas e opressão masculina. Então, por mais que amasse a amiga de longos anos, era inevitável que ao se casar, as escolhas do marido sobressaíssem às dela.

Ao avançar a leitura do romance, compreende-se que a personagem fora construída a partir da percepção machista do narrador, que vê a mulher como uma criatura frágil e inferior aos homens. Dessa forma, personagens femininas que tenham atitudes como a de Luísa, não devem ser ouvidas ou não têm a chance de reparar os erros, muito pelo contrário, devem ser punidas da forma mais dolorosa possível. E, assim como Emma, seu destino é a morte.

Dessa maneira, a personagem Luísa pertencente a uma sociedade burguesa que ordenava a moral e os bons costumes e, por acreditar em um amor verdadeiro e real, se torna vítima do cinismo do Basílio, ao acreditar que ele poderia amá-la e com a intensidade que Jorge não a amava. No entanto, seus encontros amorosos foram apenas diversão para Basílio. Ao finalizar a leitura da obra e, comparando as tramas vividas pelas personagens (Emma Bovary e Luísa), podemos afirmar que os narradores de *Mme. Bovary* como de *O Primo Basílio*, oprimem e silenciam as protagonistas Ema Bovary e Luísa, talvez para reforçar o poder da sociedade patriarcal do século XIX.

Olhava em roda, esperando um movimento, uma voz, um acaso, um milagre! Mas tudo lhe pareceu mais imóvel. A face lívida cavava-se; o lenço que lhe envolvia a cabeça desarranjara-se, via-se o crânio rapado, de uma cor ligeiramente amarelada. Pôs-lhe então a mão na testa, hesitando, com medo; pareceu-lhe que estava fria! Abafou um grito, correu para fora do quarto, e deu com o Dr. Caminha que entrava, tirando pausadamente as luvas.
 — Doutor! Está morta! Veja. Não fala, está fria. (Queiroz, 2002, p.311).

O fim trágico e doloroso de Luísa, se conduziu por influência de uma sociedade adocida e principalmente machista, que assola mulheres que escolhem ser donas do seu corpo e vontades. Em vista desse final trágico, podemos compreender que a personagem somente

fora uma representação da violência física e psicológica contra a dignidade do corpo feminino, que valorizava o (não)-lugar de mulheres transgressoras naquela sociedade.

O Papel do Narrador nas obras

O papel do narrador em uma obra pode ser analisado por distintas perspectivas, ou seja, de diferentes modos e pontos de vista. O narrador pode ser parte do enredo e expor sua visão dos fatos, mas pode ser como uma espécie de observador, em que por outro ângulo aprecia os pensamentos e escolhas das personagens. Segundo Walter Benjamin (1987, p. 205), “A narrativa (...) é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação, ela não está interessada em transmitir o “o puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório”. Desse modo a narrativa é uma forma de comunicação que vai além de transmitir informações sobre os eventos narrados, mas sim de conduzir a objetividade ou à verdade dos eventos, de forma que envolva o leitor de maneira mais significativa.

De acordo com Beth Brait (1985, p. 53): “O leitor, grudado a essa câmera narrativa que é o narrador em terceira pessoa, vive a curiosa experiência de conhecer uma personagem, a quem raríssimas vezes é dada a palavra, de forma total e avassaladora.” Conforme Beth Brait menciona, o narrador é a representação da câmera que captura os eventos vividos pelas personagens e as emoções que desenvolvem ao decorrer da obra, sendo assim, quando a autora cita que o leitor vive a experiência de conhecer uma personagem de forma "total e avassaladora", ressalta o domínio que a visão narrativa apresenta em relação a vida profunda de cada personagem.

Walter Benjamin descreve as características que podem ser utilizadas pelo narrador da seguinte maneira:

[...] vistos de uma certa distância, os traços grandes e simples que caracterizam o narrador se destacam dele [...] esses traços aparecem como um rosto humano ou um corpo de animal aparecem num rochedo, para um observador localizado numa distância apropriada e num ângulo favorável. [...] (Benjamin, 1987, p. 197).

Nesse sentido, Benjamin explica que a maneira como o narrador é identificado e compreendido advém da perspectiva adotada pelo leitor e da profundidade de sua percepção e análise. Para Beth Brait:

Os recursos de um narrador privilegiado, que, na sua posição de observador não personificado, pode não apenas mostrar os movimentos que vão delineando, mas também dizer o que ele está sentindo, e mais adiante, o que está pensando. (Brait, 1985, p.55)

Brait destaca no fragmento acima a versatilidade e os recursos disponíveis para um

narrador não personificado, que vai além de simplesmente narrar eventos objetivos, penetrando nas emoções e pensamentos das personagens, enriquecendo ainda mais a narrativa.

A vista disso, nesta seção o objetivo é discutir o papel fundamental que o narrador cumpre na construção da narrativa. Desse modo, o narrador não apenas relata os acontecimentos, mas também influencia a maneira como são percebidas as personagens, moldando o contexto social, histórico, tempo e enredo da obra, que faça o leitor compreender ao perpassar a leitura. Em suma, o narrador é o arquiteto da experiência literária, guiando o leitor através de um mundo imaginário, provocando reflexões, despertando emoções e transmitindo críticas sociais através das palavras cuidadosamente escolhidas e da voz narrativaúnica. De acordo com Walter Benjamin em 1987:

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renúncia as sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória dos ouvintes [...] ela se assimilará à sua própria experiência, e, mais irresistivelmente ela cederá à inclinação de recontá-las um dia. (Benjamin, 1987, p. 204).

Nesse sentido, Benjamin (1987) argumenta que a simplicidade permite que a história se conecte mais intimamente com a experiência pessoal dos leitores, tornando-se algo que ressoa como reflexão e ensinamento.

A seguir apresentamos uma leitura comparada sobre o olhar do narrador às personagens dos romances, com destaque ao comparativismo e a intertextualidade entre as narrativas.

Desse modo, inicialmente, será destacado que a literatura comparada é um dos estudos da teoria literária que analisa, por meio da comparação outras literaturas dentro de seus grupos linguísticos. Nesse sentido, o foco não se limita apenas à comparação dos textos em si, mas também examina as teorias da literatura subjacentes. Segundo Carvalhal (2006, p. 05): “Usado no singular, mas geralmente compreendido no plural, ela designa uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas”. Desse modo, compreende-se que a literatura comparada não se limita à análise de apenas duas literaturas, mas pode abranger um conjunto diversificado de obras literárias de diferentes origens, culturas e línguas.

Esse tipo de estudo busca interpretar questões mais amplas e profundas que são refletidas nas obras ou nos procedimentos literários analisados. Isso significa que a análise comparativa não se limita apenas ao texto em si, mas também considera o contexto social, político, cultural e histórico em que as obras foram produzidas. Conforme afirma Carvalhal:

[...] o estudo comparado de literatura deixa de resumir-se em paralelismos binários movidos somente por "um ar de parecnça"(grifo da autora) entre o elementos, mas compara com a finalidade de interpretar questões mais gerais das quais as obras ou procedimentos literários são manifestações concretas. Daí a necessidade de articular a investigação comparatista com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente. (Carvalho, 2006, p 56).

Assim, compreende-se que a literatura reflete e responde às mudanças e desafios de sua época. Portanto, a autora destaca a importância de situar a análise comparativa dentro de um contexto mais amplo, a fim de compreender melhor o significado e o impacto das obras literárias estudadas.

A vista disso é importante dizer que a intertextualidade na literatura reside no fato de que o intertexto está intrinsecamente presente na obra. De modo, que a concepção de um texto a partir de outro já existente, é fundamental para examinar as relações dialógicas entre textos, sendo assim uma propriedade crucial da produção literária, e assim, esclarece que os textos não apenas dialogam entre si, mas são colocados em diálogo pelo leitor. De acordo com (Carvalho 2013, p.143 *apud* Bakhtin 1997): “Um texto só ganha vida em contato com outro texto, com o contexto. Somente nesse contato entre textos é que uma luz brilha, iluminando tanto o posterior como o anterior, juntando dado texto a um diálogo”. Compreende-se então, que um texto adquire significado e profundidade quando é relacionado a outros textos e ao contexto em que está inserido.

Acerca dos estudos apresentados, serão analisadas as personagens centrais de forma comparada sob o viés machista dos narradores, nas obras *Madame Bovary* e *O Primo Basílio*, os quais se apresentam como oniscientes, aqueles que compreendem e conhecem a história dos personagens, e partilham dos seus segredos mais obscuros. Conforme Walter Benjamin em sua obra *O Narrador*: “Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência auto biográfica” (1987, p. 205)

Desse modo, é atravessando a figura do narrador que podemos visualizar as personagens e captar a abordagem do contexto retratado.

As obras *Madame Bovary* e *O primo Basílio* apresentam críticas à sociedade europeia, de forma que sob olhar do narrador, as personagens femininas eram subjugadas ao seu marido e assim, se tornam reféns da sociedade Patriarcalista do século XIX.

No início da obra (*Madame Bovary*), o narrador se apresenta como parte do enredo, descrevendo a família e a chegada de Charles à escola, denotando uma imagem de bom homem que se segue em toda narrativa, pois o narrador faz questão de afirmar que o Sr. Bovary é

libado em sua conduta como indica o fragmento apresentado:

Em vez de ir a Bertaux três dias depois, conforme prometera, voltou logo no dia seguinte e, a seguir, regularmente duas vezes por semana, sem contar as visitas inesperadas que fazia de tempos em tempos, como que por acaso. Tudo, de resto, correu bem; a recuperação deu-se conforme as regras, e, ao final de 46 dias, quando o velho Rouault foi visto tentando andar sozinho pela casa, começaram a considerar o sr. Bovary um homem de grande capacidade. O velho Rouault dizia que os melhores médicos de Yvetot ou até mesmo de Rouen não teriam feito melhor. (Flaubert, 2011, p. 23).

No entanto, no decorrer da narrativa, esse mesmo narrador se contradiz ao apontar seus defeitos como uma personagem do gênero masculino e sua mediocridade como médico:

Naturalmente, por desleixo, acabou por deixar de lado todas as resoluções que se impusera. Uma vez, perdeu o acompanhamento da consulta, no dia seguinte, a aula, e, saboreando a ociosidade, pouco a pouco foi deixando de comparecer. Passou a frequentar cafés, apaixonando-se especialmente pelo dominó. Confinar-se todas as noites em um local público sujo para bater em ossinhos de carneiro marcados com pontos pretos sobre mesas de mármore parecia-lhe um ato precioso de liberdade, que aumentava sua auto-estima. Era como uma iniciação ao mundo, o acesso aos prazeres proibidos; e, ao entrar, girava a maçaneta com uma alegria quase sensual. Então, muitas coisas que se encontravam comprimidas dentro dele dilataram-se; passou, a saber, de cor estribilhos de boas-vindas que cantava, entusiasmou-se com Béranger, aprendeu a fazer ponche e enfim conheceu o amor. Graças a esses trabalhos preparatórios, foi reprovado no exame oficial de saúde. Esperavam-no à noite em casa para festejar o seu sucesso! Foi embora a pé e parou na entrada do vilarejo onde, pedindo que chamassem sua mãe, contou-lhe tudo. Ela odou culpou, atribuindo o fracasso à injustiça dos examinadores, e o fortaleceu um pouco, encarregando-se de arranjar as coisas. Somente cinco anos mais tarde o sr. Bovary ficou sabendo da verdade, que já era velha, e ele aceitou-a, não podendo, aliás, supor que o homem que pusera no mundo fosse um tolo. [...] a boa mulher não lhe dava ouvidos. Ele era a causa de tudo. Por espírito de oposição, inclusive pendurou na cabeceira do doente uma pia de água benciteia, com um ramo de buxo. No entanto, a religião não parecia socorrê-lo mais do que a cirurgia, e a inevitável putrefação continuava a subir das extremidades em direção ao ventre. Por mais que variassem as poções e trocassem os cataplasmas, os músculos a cada dia se descolavam mais, e enfim Charles respondeu com um sinal de cabeça afirmativo quando a velha. Lefrançois perguntou-lhe se não poderia, em desespero de causa, mandar vir o sr. Canivet, de Neufchâtel, que era uma celebridade. Doutor em medicina, com cinquenta anos de idade, gozava de uma boa posição e, seguro de si, o colega não se constrangeu em rir de forma desdenhosa quando descobriu aquela perna gangrenada até o joelho. Depois, tendo declarado claramente que era preciso amputá-la, foi à casa do farmacêutico deblaterar contra os estúpidos que puderam reduzir um infeliz àquele estado. (Flaubert, 2011, p. 15 -16).

Assim, compreende-se, que Charles nunca se esforçara o bastante para ser um bom aluno e filho, e no decorrer da obra se tornara um médico deplorável ao olhar do narrador, independente da incompetência da personagem.

No contexto histórico em que a obra está inserida, que se trata de uma sociedade extremamente machista, o narrador valoriza o não pertencimento de mulheres como Emma Bovary à estrutura social (Patriarcal) do século XIX, por não atender os preceitos impostos. Nesses preceitos, a figura da mulher é violentada na esfera social, religiosa e familiar. Por

isso, aos olhos desse narrador, a protagonista não pode ter voz própria e seguir suas vontades a não ser o já socialmente determinadø afunções, como se percebe no excerto a seguir:

Emma, por outro lado, sabia administrar a casa. Enviava aos doentes a fatura das visitas, acompanhadas de cartas bem escritas, que não pareciam uma conta. Quando, nos domingos, recebiam alguém para jantar, arranjava um meio de servir um prato elegante, procurava colocar sobre as folhas de parreira pirâmides de rainhas-cláudias, entornava os potes de compotas em um prato para servi-los e falava inclusive em comprar serviços para enxaguar a boca para a sobremesa. Disso tudo, resultava muita consideração para Bovary. (FLAUBERT, 2011, p. 41).

Ao contrário, Charles é descrito com grande simpatia, mesmo que se torne em um homem insignificante no decorrer da obra. E Emma é a personagem que pode representar a mulher transgressora da ordem social, política e religiosa, pois suas atitudes divergiam aos preceitos impostos pela sociedade Patriarcalista. Em toda a leitura, o narrador descreve a figura feminina como um ser inferior, ou seja, alguém que vive à sombra de outra pessoa, contudo Emma ao contrariar as regras determinadas, impondo suas vontades e contesta as normas ditascorretas para o papel da mulher do século XIX. Assim, ao narrador parece normal que outra mulher reforce esse poder patriarcalista machista e repressor. A seguir, o fragmento ilustra essa ideia:

Carlos refugiou-se em seu gabinete e chorou, sentado na poltrona, os cotovelos apoiados à mesa. Escreveu, então, à mãe, pedindo-lhe que viesse. Etiveram longas conferências sobre Ema. Que resolver, que fazer, se ela se recusava a qualquer tratamento? - Sabe o que falta à sua mulher? – Observava a mãe - Ocupações obrigatórias, trabalhos manuais! Se ela fosse obrigada, como tantas outras, a ganhar a vida, não teria esses ares vaporosos, vindos desse mundo de ideias que se meteu na cabeça e dessa ociosidade em que vive.
-Mesmo assim, ela se ocupa – dizia Charles – Ah! Ela se ocupa? Em quê? Emler romances, maus livros, obras contra a religião, em que se zomba dos padrescom discursos tirados de Voltaire. Mas tudo isso tem fim, meu filho, e quem não tem religião termina sempre mal. Ficou, daí, resolvido que seria vedado aEmma a leitura de romances. A empresa não era nada fácil. A boa senhora encarregou-se dela: quando passasse por Ruão, iria pessoalmente ao livreiro edir-lhe-ia que Emma suspendera as assinaturas. Não seria o caso de avisar a polícia, se o livreiro insistisse na sua função de envenenador? (FLAUBERT, 2011, p. 95).

Desse modo, na visão do narrador, a leitura seria o principal mal causado a Emma Bovary, visto que a literatura influenciava a personagem a querer seguir seus desejos e a sonhar. Assim, fica claro ao leitor, a vontade dos familiares de Charles que Emma regredisse e fosse defato inferior ao seu marido. Entretanto, a personagem com seu anseio de libertação, utiliza da leitura como método de transgredir no decorrer da narrativa, percebe-se que sua evolução enquanto leitora a leva às negações que essa personagem vive na sociedade.

É inegável que a vontade verdadeira de Emma Bovary era a de ser livre, o amor era somente uma válvula de escape. Então com seu comportamento transgressor negou a ordem e a mediocridade de seu marido, familiares e personagens secundários do enredo. Ao fim da

obra, nota-se que a punição dada à personagem não condiz com a grandeza de sua personalidade, demodo que aos olhos do narrador o único castigo cabível seria as ameaças do comerciante Lheureux que foi descrito como a personificação do capitalismo e, por fim, sua morte dolorosa, ou seja, o silêncio absoluto da personagem, pois para a sociedade machista e opressora, uma personagem feminina como a Emma não poderia continuar viva depois de escolher priorizar seus desejos. Assim o narrador ao entregar Emma a seu fornecedor e agora cobrador, que a leva ao desespero por não ter como pagar suas dívidas e, conseqüentemente a uma saída extrema. Conforme fragmento:

Ao chegar em casa, Félicité mostrou-lhe um papel cinza atrás do pêndulo. Elaleu: “Em virtude da pública-forma, em forma executória de julgamento...” Que julgamento? Na véspera, de fato, haviam trazido outro papel que ela desconhecia; então ela ficou estupefata com as seguintes palavras: “Intimação pelo rei, pela lei e pela justiça, à sra. Bovary...” Então, saltando diversas linhas, ela viu: “No prazo máximo de 24 horas.” – Quem será? “Pagar a soma total de oito mil francos.” E ainda, mais embaixo: “Pela presente, será obrigada por todas as vias de direito e, sobretudo, pela penhora executória de seus móveis e títulos. O que fazer?... Era em 24 horas; amanhã! Lheureux, pensou ela, queria sem dúvida assustá-la mais uma vez; pois adivinhou imediatamente todas as manobras dele, o objetivo de suas complacências. O que a tranquilizava era o próprio exagero da soma. No entanto, de tanto comprar, não pagar, pedir emprestado, assinar notas promissórias e depois renovar essas mesmas promissórias que inchavam a cada novo prazo, ela acabou por preparar um capital para o sr. Lheureux, o qual ele esperava impacientemente recuperar para suas especulações. Ela apresentou-se em sua casa com um ar confiante. – O senhor sabe o que está acontecendo comigo? É sem dúvida uma brincadeira! – Não. – Como assim? Ele virou-se lentamente e disse-lhe, cruzando os braços: – A senhora pensa, minha pequena dama, que eu seria seu fornecedor e banqueiro até o fim dos tempos? Pelo amor de Deus! Preciso recuperar o que desembolsei, sejamos justos! [...] Ela não tardou a vomitar sangue; seus lábios apertaram-se ainda mais. Tinha os membros crispados, o corpo coberto de manchas escuras e seu pulso deslizava por entre os dedos como um fio esticado, como a corda de uma harpa prestes a romper-se. Depois, pôs-se a gritar terrivelmente. Amaldiçoava o veneno, injuriava-o, suplicava que se apressasse e afastava com seus braços retesados tudo o que Charles, mais agonizante do que ela, esforçava-se para que bebesse. Ele estava de pé, com o lenço sobre os lábios, arquejando, chorando e sufocado pelos soluços que o sacudiam até os pés; Félicité corria de um lado para o outro no quarto; Homais, imóvel, soltava grandes suspiros e o sr. Canivet, embora mantivesse seu aprumo, começava a sentir-se incomodado. (Flaubert, 2011, p. 254 - 255 - 278).

Em *O Primo Basílio* de Eça Queiroz, o contexto se passa na sociedade Lisboeta e tem por início o sofrimento da personagem Jorge ao perder a mãe, que aos olhos do narrador, seria substituída por Luísa que fora ensinada para ser uma verdadeira dona de casa. Assim, tanto em *Madame Bovary* como em *O Primo Basílio*, o casamento é visto de forma negativa pelas personagens, que demonstram a insatisfação ao entrar em um ambiente desconfortável e infeliz conforme o narrador cita:

Casaram às oito horas, numa manhã de nevoeiro. Foi necessário acender luz para lhe pôr a coroa e o véu de tule. Todo aquele dia lhe aparecia como enevoado, sem contornos, à maneira de um sonho antigo — onde destacava a cara balofa e

amarelada do padre, e a figura medonha de uma velha, que estendia a mão adunca, com uma sofreguidão colérica, empurrando, rogando pragas, quando, à porta da igreja, Jorge comovido distribuía patacos. Os sapatos de cetim apertavam-na. Sentia-se enjoada da madrugada, fora necessário fazer-lhe chá verde muito forte. (QUEIROZ, 2002, p. 11).

Em um viés machista do narrador, as personagens femininas devem ser educadas para serem substitutas das mães dos seus maridos, de forma ocupem o lugar de figura materna, não de companheira. Assim, ao se casarem, transferem a submissão familiar do pai para seus maridos, que passam a ser seus donos. Neste sentido, Jorge só substituíra sua mãe devido a morte e a solidão que começou a sentir, e assim teria encontrado a esposa que lhe respeitasse, mas acima de tudo, lhe fosse submissa, como está apresentado no fragmento

sua mãe morreu, porém, começou a achar-se só: era no inverno, e o seu quarto nas traseiras da casa, ao sul, um pouco desamparado, recebia as rajadas do vento na sua prolongação uivada e triste; sobretudo à noite, quando estava debruçado sobre o compêndio, os pés no capacho, vinham-lhe melancolias lânguidas; estirava os braços, com o peito cheio de um desejo; queria enlaçar uma cinta fina e doce, ouvir na casa o frufu de um vestido! Decidiu casar. Conheceu Luísa, no verão, à noite, no Passeio. Apaixonou-se pelos seus cabelos louros, pela sua maneira de andar, pelos seus olhos castanhos muito grandes. No inverno seguinte foi despachado, e casou. Sebastião, o seu íntimo, o bom Sebastião, o Sebastião, tinha dito, com uma oscilação grave da cabeça, esfregando vagarosamente as mãos: — Casou no ar! Casou um bocado no ar! (Queiroz, 2002, p. 05).

Ao perpassar a obra, é possível identificar que a sociedade da época não aprovavam e repeliam às personagens femininas que desejavam ser donas dos seus próprios desejos e ter seus espaços conquistados. Nesse sentido percebe-se a hipocrisia e falsa moralidade na comparação entre os gêneros, visto que às personagens masculinas tudo era permitido e às personagens femininas, sua liberdade de escolha era negada. Conforme diálogo entre Luísa e Leopoldina:

Levantou-se, foi-se deixar cair muito languidamente na voltaire, ao pé da janela. A tarde descia serenamente; por trás das casas, para lá dos terrenos vagos, nuvens arredondavam-se, amareladas, orladas de cores sangüíneas ou de tons alaranjados. E voltando-lhe a mesma idéia de ação, de independência:

— Um homem pode fazer tudo! Nada lhe fica mal! Pode viajar, correr aventuras... Sabes tu, fumava agora um cigarrito... O pior é que Juliana podia sentir o cheiro. E parecia tão mal!... — É um convento, isto! — murmurou Leopoldina. — Não tens má prisão, minha filha! Luísa não respondeu; tinha encostado a cabeça à mão: e com o olhar vago, como continuando alguma idéia. — São tolices, no fim, andar, viajar! A única coisa neste mundo é a gente estar na sua casa, com o seu homem, um filho ou dois... Leopoldina deu um salto na voltaire. Filhos! Credo, que nem falasse em semelhante coisa! Todos os dias dava graças a Deus em os não ter! — Que horror! — exclamou com convicção. — O incômodo todo o tempo que se está!... As despesas! Os trabalhos, as doenças! Deus me livre! É uma prisão! E depois quando crescem, dão fé de tudo, palram, vão dizer... Uma mulher com filhos está inútil para tudo, está atada de pés e mãos! Não há prazer na vida. E estar ali a aturá-los... Credo! Eu? Que Deus não me castigue, mas se tivesse essa desgraça parece-me que ia ter com a velha da Travessa da Palha! (Queiroz, 2002, p. 117)

Nas duas obras as personagens buscam no amor a própria emancipação. Em *O primo Basílio*, o casamento de Luísa era uma união baseada em aparência para suprir a hipocrisia e afalsa moralidade da sociedade patriarcalista do século XIX, assim ao reencontrar Basílio, Luísa sente verdadeiramente amada, e devido à ausência de seu marido, não pelo fato de sua viagem, mas sim no sentido de companheirismo e de sua frieza na relação conjugal, ela vê no encontro com seu primo Basílio, a oportunidade de realizar seus desejos mais íntimos, se despe das convenções sociais e se aventura na relação extraconjugal, conforme fragmento:

Voltou-lhe a mão, curvou-se, pôs-lhe um beijo cheio na palma. Ela estremeceu-se logo: - Não! Vai-te! - Bem, adeus. Levantou-se com um movimento resignado e infeliz. E limpando devagar a seda do chapéu. — Bem, adeus - repetiu melancolicamente. - Adeus Basílio disse então com muita ternura: - Estás zangada? - Não! - Escuta - murmurou, adiantando-se. Luísa bateu com o pé. - Oh, que homem! Deixa-me! Amanhã. Adeus. Vai-te! Amanhã! - Amanhã! - disse ele, baixinho. E saiu rapidamente. Luísa entrou no quarto toda nervosa. E ao passar diante do espelho ficou surpreendida: nunca se vira tão linda! Deu alguns passos calada. (Queiroz, 2002, p. 76- 77)

Aos olhos do narrador, Luísa seria uma romântica incurável o que a tornava inferior ao seu marido e até mesmo ao amante, que na obra, servira para representar o mau-caratismo. Diante disso, Basílio se aproveita da protagonista e a deixa à própria sorte quando a empregada Juliana, que seria a personificação da perversidade humana, a ameaça.

Nesse sentido, para o narrador opressor, a transgressão de Luísa é punida com a morte assim como o faz o narrador de *Mme. Bovary* Emma Bovary. Porém o final de Luísa se difere do tratamento dados às personagens masculinas, que seguem com suas vidas monótonas, segundo o narrador:

E foram descendo a rua, de braço dado, até ao Aterro. O dia estava glorioso; um friozinho sutil errava; no ar luminoso, leve, trespassado de sol, as casas, os galhos das árvores, os mastros das faluas, as mastreações dos navios tinham uma nitidez muito desenhada; os sons sobressaíam com uma tonalidade cantada e alegre; o rio reluzia como um metal azul; o vapor de Cacilhas ia soltando rolos de fumo que tomavam a cor do leite; e ao fundo as colinas faziam na pulverização da luz uma sombra azulada, onde as casarias caiadas rebrilhavam. E os dois, passeando devagar, iam falando de Luísa. O Visconde Reinaldo, delicado, lamentava a pobre senhora, coitada, que se tinha deixado morrer por um tempo tão lindo! — Mas em resumo, sempre achara aquela ligação absurda... Porque enfim fossem francos: que tinha ela? Não queria dizer mal da pobre senhora que estava naquele horror dos Prazeres, mas a verdade é que não era uma amante chique; andava em tipóias de praça; usava meias de tear; casara com um reles indivíduo de secretaria; vivia numa casinhola, não possuía relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos de ouro; não tinha espírito, não tinha toaleta... que diabo! Era um trambolho! beça baixa. — Sim, para isso talvez. Como higiene! — disse Reinaldo com desdém. E continuaram calados, devagar. Riram-se muito de um sujeito que passava governando atarantadamente dois cavalos pretos: — Que faéton! Que arreios! Que estilo! Só em Lisboa!... Ao fundo do Aterro voltaram; e o Visconde Reinaldo passando os dedos pelas suíças: — De modo que estás sem mulher... Basílio teve um sorriso resignado. E, depois de um silêncio, dando um forte raspão no chão com a bengala:

Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine! E foram tomar xerez à Taverna Inglesa.
(Queiroz, 2002, p. 322-323)

Na leitura de *O Primo Basílio*, o narrador objetifica o corpo feminino. Ou seja, os corpos das mulheres não eram respeitados, tampouco valorizadas por seus companheiros.

Desse modo, a construção dessas personagens femininas conflitantes e revolucionárias conduz o leitor a enxergar os execráveis efeitos do patriarcalismo sobre aqueles que ousem confrontá-lo, uma vez que ambas, em suas respectivas histórias são severamente punidas. O que nos leva a refletir que se não tivessem traídos seus maridos “bons e honestos”, aqueles que ao olhar do narrador é a representação de vítima na obra, não teriam morrido para satisfazer o modelo de estrutura social imposta pela sociedade: Família, Igreja e Estado. Ainda na perspectiva dos narradores, é possível analisar a forma que descrevem a emancipação das personagens femininas, as duas eram extremamente românticas, mas muito além de serem apaixonadas e desejarem um amor, queriam ser donas de si, do seu corpo e de suas escolhas. Dessa maneira, por meio dessas personagens, os autores conseguiram desnudar a verdade sobre a sociedade patriarcal, onde a mulher não tem domínio sobre o seu corpo e suas vontades, pois o desfecho proporcionado às duas, mesmo que de formas distintas, é a realidade vivida por mulheres oprimidas e presas às regras impostas pela sociedade e que apenas buscam sua libertação.

As protagonistas, como o mesmo destino, a morte, se destacam por romper as condições impostas pela sociedade patriarcal fictícia que observa na personagem masculina a figura de poder e de domínio da família. Ema e Luísa buscaram a felicidade e a liberdade, que no século XIX devia ser apenas um sonho romântico no imaginário das mulheres. É necessário mencionar, que os narradores ainda oferecem para a figura da personagem masculina nas obras, o papel de marido triste e injustiçado, visto que Charles Bovary e Jorge, não mataram suas respectivas esposas para preservar a honra e a imagem de bom indivíduo. O suicídio com composto de arsênico de Ema foi à saída que ela encontrou para dar fim ao seu sofrimento, pois ao olhar do narrador, ela não hesitou em ceifar a própria vida para se ver realmente livre dos seus pesadelos. Já o narrador de *Eça de Queirós*, atribui outro tipo de morte a Luísa, pois esta morre de febre emocional, em decorrência da sua amargura e do medo de ser julgada por uma sociedade machista, opressora e desigual, que naturaliza, escancaradamente a violência contra a mulher. É possível afirmar que no século XIX, de acordo com o narrador, a mulher não tinha muitas escolhas, pois não havia possibilidade de uma separação, onde ela seria livre e respeitada, não poderia ser dado a elas um final com a prostituição, uma vez que para sacrificá-las a morte seria o único caminho para a

emancipação. De fato, o perfil feminino foi criado para ser submissa, recatada e do lar, fortalecendo a imagem da sociedade patriarcal herdada da cultura europeia. Segundo Barreto (2004, n. p.):

PATRIARCALISMO pode ser definido como uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido o patriarcado funda a estrutura da sociedade e recebe reforço institucional, nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalidade, são marcados pela dominação e violência. (Barreto, 2004, n. p.).

Assim, vale ressaltar que esse sistema constitui raízes firmes na sociedade, pois de certa forma a mulher ainda é vítima da dominação masculina e muitas vezes sofre violência moral, social, violência financeira, violência sexual, intelectual e física, tanto do corpo social como institucional, e essas violências são naturalizadas pela sociedade que muitas vezes, banalizam essas agressões. No sistema patriarcal a traição feminina era inaceitável, a mulher era predestinada a ter um único homem, já a figuram masculina por sua vez podia gozar dos prazeres da traição, sem ser vistas como seres infames ou desavergonhados. Conforme cita as autoras Ana Carolina da Silva Junior, Carolle Romana Almeida de Melo e Viviana dos Anjos Portela Diane:

Embora a infidelidade seja algo habitual nessa sociedade, apenas o adultério feminino tinha um desfecho trágico, pois, assim a mulher feria a concepção de virtuosidade e castidade de esposa e mãe, desonrava a masculinidade e afrontava os bons costumes burgueses que a sociedade patriarcal tanto prezava. (Junior; Melo; Diane, 2021, P.04)

Nesse sentido, a mulher era preparada pela família, pela igreja e pela sociedade para ser boa, honesta e fiel ao homem que fora escolhido para ser seu dono, seu marido e senhor. À família, cabia o papel de ensinar boas maneiras, como ser uma boa esposa e mãe e boa administradora do lar. A igreja pregava a infidelidade como um castigo eterno, um pecado sem volta e a sociedade reforçava essas premissas, que impedia a mulher de se ver como protagonista da sua própria vida.

Considerações Finais

A leitura das obras *Madame Bovary* e *O Primo Basílio* nos permite compreender a dolorosa realidade enfrentada pelas mulheres na sociedade do século XIX. Ao acompanharmos a trajetória das protagonistas Emma e Luísa, observamos as restrições a elas impostas, às quais eram relegados papéis predefinidos que as submetiam à autoridade masculina. As protagonistas são figuras emblemáticas de mulheres que ousaram desafiar as

normas estabelecidas, buscando autonomia e realização pessoal. No entanto, ao fazê-lo, se tornam vítimas das estruturas patriarcais que as cercam e sofreram punições extremas.

Ao considerar o destino das protagonistas, somos levados a refletir sobre as possibilidades limitadas que tinham à sua disposição. Em uma sociedade que valorizava a submissão e a virtude femininas, a separação dos maridos poderia levá-las a enfrentar ainda mais marginalização e desespero, até mesmo a serem empurradas para a prostituição como uma forma desesperada de sobrevivência. Contudo, é importante reconhecer que a morte, muitas vezes retratada como libertadora nas obras (como figuravam nos romances românticos), não é uma solução para a opressão das mulheres, é na verdade, um final trágico, marcado pela injustiça e pela falta de alternativas viáveis dentro de um sistema que nega sua humanidade.

Portanto, ao analisar as obras de Flaubert e Eça de Queiroz, somos confrontados não apenas com as injustiças do passado, mas também com os desafios persistentes que as mulheres enfrentam em sua busca pela igualdade e pela liberdade. A luta contra o patriarcado é uma batalha contínua que exige o reconhecimento de nossa história e o compromisso com a transformação social em direção a um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas.

O século XX testemunhou avanços significativos na luta pelos direitos das mulheres, em que movimentos feministas ganharam força, abordando questões como igualdade salarial, direitos reprodutivos e igualdade de oportunidades educacionais e profissionais. Contudo, vale ressaltar que o patriarcado ainda permanece forte nas sociedades atuais e que a luta feminina por igualdade de gênero tem sido a arma mais poderosa contra essa opressão. Embora progressos tenham sido feitos, desafios persistentes permanecem e o patriarcado ainda continua a influenciar as estruturas sociais, econômicas e políticas em muitas partes do mundo. Movimentos contemporâneos continuam contra a discriminação de gênero e a busca por uma sociedade mais igualitária, mas estamos longe de alcançar proteção contra a violência de gênero e personagens como Emma e Luísa fazem parte da história real de muitas mulheres que vivem oprimidas de todas as formas na sociedade.

Referências

ALAMBERT, Zuleika. **História da mulher. A mulher na história.** Fundação Astrojildo Pereira/FAP; Abaré, 2004.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo de Língua Portuguesa**, versão on-line. Disponível em aulete.com.br. Acesso em: 16 de abril de 2024.

BARRETO, M. do P. S. L. **PATRIARCALISMO E O FEMINISMO: uma retrospectiva**

histórica. Revista *Ártemis*, [S. l.], n. 1, 2004. Disponível em: periodicos.ufpb.br, acesso em: 02 de fevereiro de 2024.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: *Magiae técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo, Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BRAIT, Beth. **A Personagem.** São Paulo, Ática, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo. Fatos e Mitos.** 4. Ed - São Paulo: Difusão Europeiada Livro, 1970.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada.** 4a. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Ática, 2006.

CARVALHO, Tereza Ramos de. **Personagens em trânsito: a interlocução literária e história social de Tocantins:** São Paulo: Livrus Negócios Editoriais, 2013.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia de pesquisa em literatura.** 1. ed. - São Paulo: Parábola, 2020.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary.** São Paulo, Abril Cultural, 2011.

GOMES, Carlos Magno. **Marcas da Violência Contra a Mulher na Literatura.** Revista UFRJ, v.13, p. 01 – 11, Jul, 2013. Disponível em: revistadiadorim.letras.ufrj.br, acesso em: 30 de janeiro de 2024.

JUNIOR, Ana Caroline da Silva; MELO, Carolle Romana Almeida de; DIANE; Viviane dos Anjos Portela. A Sociedade Patriarcal e a Opressão da Mulher: Uma Mirada Sobre as Personagens Femininas em O Primo Basílio. **Revista Água Viva**, v.06, n.03 (n. p.), set-dez, 2021. Disponível em: periodicos.unb.br, acesso em: 02 de fevereiro de 2024.

LE GOFF, Jacque. **O autor de uma outra Idade Média.** Carta Capital. 16 de maio de 2014. Disponível em: cartacapital.com.br. Acesso em: 16 de abril de 2024.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa.** São Paulo: Cultrix, 1975.

QUEIROZ, Eça de. **O Primo Basílio.** Companhia das Letras. São Paulo. 2002.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, Patriarcado, Violência.** Fundação Perseu Abramo, 2004.